

EDITORIAL

Conceição Seixas
Leonardo Nolasco-Silva

Hoje, assistindo à ascensão da supremacia branca e ao crescimento do apartheid social e econômico que separa brancos e negros, ricos e pobres, homens e mulheres, juntei à luta pelo fim do racismo um compromisso com o fim do sexismo e da opressão sexista e com a erradicação dos sistemas de exploração de classe. Ciente de que vivemos numa cultura de dominação, me pergunto agora, como me perguntava há vinte anos, quais valores e hábitos de ser refletem meu/nosso compromisso com a liberdade. (hooks, 2013, p. 41)

O compromisso com a liberdade deve ser o pilar da prática educativa, segundo hooks (2013). Liberdade como princípio coletivo e político que se vincula necessariamente a dois valores principais – a igualdade e o compromisso com o mundo –, do mesmo modo que se distancia fundamentalmente da lógica liberal de culto à livre ação do *eu*. A educação, neste sentido, tem como horizonte a justiça, principalmente em um mundo cindido pelas inúmeras opressões, e como ferramenta a transgressão das normas instituídas, responsáveis pelas desigualdades – de gênero, raça, classe, idade, capacidade, território, etc. – dentro e entre sociedades.

Assumir esse compromisso implica também perguntar quem pôde, historicamente, ocupar os espaços de produção, circulação e legitimação do conhecimento e quem, mesmo participando ativamente da construção da vida social, teve sua presença diminuída, silenciada ou apagada de suas narrativas. A educação não está fora dessas disputas. Ao contrário, constitui um dos territórios em que elas se tornam especialmente visíveis: nas possibilidades de acesso à escolarização, nas formas de ingresso e permanência na profissão docente, na divisão do trabalho, nas posições de poder e prestígio e, também, nos modos pelos quais determinadas experiências passam a integrar aquilo que reconhecemos como memória da educação.

Falar de mulheres e docência, nesse sentido, produz uma questão anterior: de que mulheres estamos falando quando falamos de mulheres? A pergunta impede que o feminino seja tomado como uma experiência única e nos obriga a considerar as diferenças e desigualdades que atravessam as trajetórias de mulheres concretas. Gênero não opera isoladamente. Raça, classe, geração, território e outros marcadores participam da produção de condições muito distintas de existência, formação, trabalho, reconhecimento e possibilidade de fazer-se ouvir. É justamente nesse ponto que a perspectiva interseccional ganha força: não como simples adição de categorias, mas como possibilidade de perceber relações que uma leitura homogênea da experiência feminina poderia deixar escapar.

Há, no caso da docência, uma tensão particularmente significativa. Se a história do magistério é profundamente marcada pela presença das mulheres, essa presença numericamente expressiva não significou, automaticamente, igual reconhecimento, autoridade ou inscrição na memória. Professoras ocuparam escolas, salas de aula e diferentes espaços educativos ao mesmo

tempo que muitas de suas experiências permaneceram pouco registradas, secundarizadas ou narradas a partir de lugares que não eram os seus. Torná-las visíveis, portanto, não significa apenas acrescentar nomes de mulheres a uma história já escrita. Significa interrogar os próprios modos pelos quais essa história foi produzida, arquivada e contada.

Teias, compromissada com uma educação transgressora, nos moldes do que nos apresenta hooks (2013), celebra o número 86 com um conjunto de artigos que assumem, igualmente, o compromisso político com o mundo. O número é composto pela Seção Temática *Mulheres, docência e interseccionalidades* que reúne pesquisas que, por diferentes caminhos teóricos, metodológicos, históricos e narrativos, fazem aparecer mulheres em sua pluralidade de experiências e modos de atuação. Mais do que compor uma história das mulheres na educação, os trabalhos nos convidam a perguntar pelas condições que tornaram algumas trajetórias visíveis e outras quase imperceptíveis; pelas relações entre docência, gênero, raça e classe; pelas formas de resistência e agência produzidas em diferentes contextos; e pelos modos como mulheres participaram e participam da invenção cotidiana da educação.

As experiências reunidas na Seção atravessam tempos, territórios e espaços sociais distintos. Encontramos professoras, normalistas, militantes políticas, mulheres negras, mulheres quilombolas, lideranças comunitárias, docentes universitárias, educadoras de comunidades ribeirinhas e outras tantas trajetórias que deslocam qualquer possibilidade de falar da docência feminina no singular. Se há algo que esses trabalhos parecem compartilhar, é justamente a recusa de uma história única: não existe uma experiência universal de “ser mulher”, assim como não existe uma única maneira de ser professora.

A Seção traz, além da Apresentação, 17 artigos e uma Entrevista, que percorrem diferentes tempos, espaços e experiências, fazendo da educação um território a partir do qual se podem interrogar relações de gênero, raça, classe, geração e outras formas de produção das diferenças e das desigualdades. Ainda, o número 86 reúne 13 textos distribuídos entre a Demanda Contínua, (09 artigos), a seção Ensaaios (02), a seção Resenha (01) e Entrevistas (01). São trabalhos que ampliam o conjunto de questões mobilizadas neste número e reafirmam o compromisso da *Teias* com a circulação de pesquisas produzidas nas diversas regiões do Brasil e da América Latina.

Talvez seja também nesse gesto de produzir outras possibilidades de memória que se manifeste o compromisso com a liberdade anunciado por hooks. Tornar visíveis experiências historicamente silenciadas não significa apenas reparar ausências do passado. Significa disputar as condições pelas quais compreendemos o presente e imaginamos outros futuros para a educação. Afinal, aquilo que escolhemos lembrar, pesquisar, narrar e publicar também participa da produção do mundo que tornamos possível.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. *ensinando a transgredir. a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

Informações das autoras

Conceição Firmina Seixas Silva

Prof.^a Dr.^a da Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: conceicaoofseixas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0586-1275>

Link *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/9511209669396293>

Leonardo Nolasco-Silva

Prof. Dr. da Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: leonolascosilva@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9814-259X>

Link *Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6236498913421435>